

Leôni Cristina dos Santos Dias

A ausência de material de didático formal no ensino de Teatro

Uma pesquisa com o Bloco Inicial de Alfabetização

Monografia de conclusão do curso de Artes Cênicas Licenciatura, apresentada ao Departamento de Artes Cênicas - Instituto de Artes, da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof^a: Clarice Costa.

Brasília
2013

Ao meu amado esposo Marcus Vinícius,
eterno companheiro de todos Santos Dias e
aos nossos filhos, fontes de amor e inspiração.

Agradecimentos

DEUS, criador de todas as coisas.

Professora Clarice Costa por disponibilizar seu vasto conhecimento na orientação desta monografia de conclusão de curso, atuando com dedicação, clareza e cordialidade.

Professora Simone Reis e professor Iain David Mott por participarem desta banca, contribuindo com suas experiências para a qualificação desta monografia.

Instituições educacionais que acolheram e possibilitaram a realização desta pesquisa.

Todos os arte-educadores e estudantes que gentilmente concederam seu tempo, para esta pesquisa.

Meu esposo Marcus Vinícius por sua atuação como *coaching*, por auxiliar-me a programar o roteiro de ações para a pesquisa de campo.

Meu filho Sereno Dias, por colaborar na realização das entrevistas e pelo incentivo.

Minha filha Vitória Cristina, por auxiliar na revisão do roteiro de entrevista e pelo apoio emocional.

Minha sogra Maria da Luz, por cuidar com carinho da minha filha Glória, no período de orientação.

Meu pai Marcos Barbosa, pelo trabalho de revisão.

Minha mãe Mary Baladelly pelo apoio na reta final deste trabalho.

Todos os pensadores e arte-educadores que contribuíram neste trabalho através de seus estudos, pesquisas e publicações.

Todos os mestres que, seguindo suas sendas, propiciaram experiências reais, com amor e dor, no caminho espaço-tempo que percorri em formação... Para a vida.

Contudo, o problema de seleção e organização da matéria curricular passará a constituir uma base para críticas legítimas se o movimento da educação progressiva, em seu desenvolvimento, não reconhecer esses processos como fundamentais para o aprendizado. A improvisação que tira proveito de ocasiões especiais impede que o processo de ensino aprendizagem se torne estereotipado e sem vida, porém o material básico de estudo não pode ser escolhido de maneira aleatória e acidental.

John Dewey

Resumo

Esta monografia propõe-se a fazer uma investigação acerca da ausência de materiais didáticos formais no ensino de Teatro. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa realizada por meio de questionários e entrevistas com arte-educadores e estudantes do Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, em Escolas Parques de Brasília. Pretende-se nesta pesquisa promover reflexões acerca do papel do material didático no ensino de Teatro, dialogando com pensadores importantes para a área e compreender a utilização destes recursos sob a perspectiva dos arte-educadores e estudantes na prática da sala de aula.

Palavras Chaves: Materiais educativos, arte-educação, teatro-educação.

Sumário

Introdução - Justificativa | 07

1. Questões norteadoras | 08

2. Objetivos | 09

3. Metodologia | 10

4. Etapas de trabalho | 15

5. Análise crítica | 17

Considerações finais | 35

Referências | 36

Introdução

Nesta monografia, propõe-se uma investigação acerca da ausência de materiais didáticos formais no ensino de Teatro. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa realizada por meio de questionários e entrevistas com arte-educadores e estudantes do Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, nas Escolas Parques de Brasília. Pretende-se promover reflexões teóricas acerca do papel do material didático no ensino de Teatro, dialogando com pensadores importantes desta área e compreender a utilização destes recursos sob a perspectiva do arte-educador e do estudante na prática da sala de aula.

Todavia, se ainda restam dúvidas a respeito da relevância de uma pesquisa sistematizada sobre materiais didáticos de Teatro, faço notar que pela minha prática docente do ensino de Teatro, deparei-me com uma problemática: a escassez de material didático destinado a estudantes. Diversas vezes resolvi esta necessidade produzindo apostilas e disponibilizando-as na fotocopidora mais próxima da escola. Para a produção das apostilas recorri ao recorte e colagem de textos e figuras de livros de meu acervo pessoal ou de bibliotecas públicas. Também escrevi meus próprios textos, pois assim, podia selecionar o conteúdo e utilizar uma linguagem adequada para cada ano e faixa etária. Essa postura fez com que eu extrapolasse o horário de coordenação, trabalhando horas extras em casa para fazer os planejamentos de aula e ainda produzir o material didático, mas, em compensação, atingi o êxito em aulas teórico-práticas sem desperdiçar tempo de hora/aula com escrita e cópia de textos no obsoleto quadro-negro.

A problemática exposta acima não é um caso isolado, grande número de arte-educadores deparam-se com essa mesma questão em sua prática pedagógica, o que revela uma lacuna na produção e comercialização destes materiais e torna veemente a necessidade desta pesquisa.

Empreendeu-se uma busca aprofundada de materiais didáticos destinados aos estudantes, que dessem apoio às ações do arte-educador em sala de aula, mas nada de relevância foi encontrado, a não ser os manuais metodológicos destinados ao uso do arte-educador. A filosofia da educação de John Dewey, as ideias acerca da história e metodologias do ensino de teatro de Ana Mae Barbosa, Ricardo Japiassú e Arão Paranaguá de Santana, assim como as pesquisas sobre o mercado editorial e design de materiais educativos, de Tânia Dauster e Christiane Orloski, serviram como referencial teórico, trazendo embasamento para a análise crítica. Com esta pesquisa, meio pelo qual se busca aprofundar a compreensão acerca da problemática elucidada, espera-se suscitar a reflexão crítica, contribuir para o surgimento de novas pesquisas e alimentar futuros processos de produção de materiais didáticos e paradidáticos no ensino de Teatro.

1. Questões Norteadoras

Na prática escolar, enquanto os arte-educadores de outras disciplinas reúnem-se para analisar e escolher o material didático que mais se adéqua a sua metodologia e ao projeto político-pedagógico da escola para aplicar em sala, o arte-educador de Teatro tem que utilizar-se de inventividade para buscar soluções e produzir material didático para as aulas práticas e teóricas, durante todo o ano letivo. Esse fato remete-nos a uma série de questões que nortearão esta pesquisa:

- Por que razão os materiais didáticos formais não são utilizados nas aulas de Teatro?
- Qual o posicionamento atual da legislação em relação aos materiais didáticos para o ensino de Teatro?
- Há mercado para a implementação de materiais didáticos de Teatro?
- Na prática de hoje, do Bloco Inicial de Alfabetização–BIA, o Teatro é ensinado com base em que metodologias? A dramaturgia é estudada nas aulas de Teatro?
- Qual a visão dos arte-educadores acerca do material didático de Teatro? Eles adotariam um livro didático para o BIA?
- Qual a visão dos estudantes acerca do material didático de Teatro? Eles gostariam de ter acesso aos conteúdos por intermédio de livros didáticos?

Como elaborar um material didático para iniciação teatral do BIA, que apresente o conhecimento teórico e prático sistematizado, de forma lúdica e publicável, e que desperte o interesse de arte-educadores e de estudantes?

2. Objetivos

Essa monografia de conclusão de curso tem por objeto a investigação acerca da ausência de materiais didáticos formais no ensino de Teatro no Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, do Ensino Fundamental. O objetivo é gerar uma base, um quadro de referências, que fundamente futuras ações de produção de materiais didáticos e paradidáticos adequados e de qualidade para estudantes, que originem suporte teórico-prático às aulas, segundo as premissas básicas legais e a proposta triangular, aliando a visão de mercado editorial ao olhar do arte-educador e do estudante.

2.1. Objetivos específicos

- Realizar pesquisa quantitativa e qualitativa, sobre o emprego de materiais didáticos no ensino de Teatro, com arte-educadores e estudantes do Bloco Inicial de Alfabetização;
- Dialogar com pensadores da educação e arte-educadores importantes nesta área, para compreender os caminhos metodológicos tomados no Brasil, em relação à utilização/não utilização de materiais didáticos na iniciação teatral;
- Estimular e contribuir no empreendimento de ações, do mercado editorial, direcionadas à elaboração e disseminação de materiais didáticos e paradidáticos de Teatro, no Ensino Fundamental.

3. Metodologia

Esta pesquisa é quantitativa na medida em que envolve coleta de dados, sistematização e organização dos mesmos, e qualitativa na medida em que os dados coletados são interpretados à luz do referencial teórico. Realizou-se esta pesquisa a partir de entrevistas e aplicação de questionários com o corpo docente e discente, do Bloco Inicial de Alfabetização-BIA. Também foi realizada revisão bibliográfica com autores importantes para a área, visando obter um termômetro referencial, em relação à utilização destes materiais como apoio para o ensino de Teatro, enquanto componente curricular.

Esperamos com isso estabelecer uma análise, partindo do material coletado, em busca de compreensão do universo pesquisado, das ideias, conceitos, pré-conceitos, generalizações, sentimentos e atitudes vinculadas à adoção de materiais didáticos formais e à prática pedagógica do ensino de Teatro.

3.1. Delimitação e descrição do universo da pesquisa e da população base

O universo da pesquisa é composto por cinco Escolas Parques, selecionadas por serem instituições educacionais públicas, de referência no ensino de Artes em Brasília, sendo que duas estão localizadas na Asa Norte e três na Asa Sul.

A população base desta pesquisa é composta por 15 arte-educadores e 146 estudantes da disciplina de Artes/Teatro, do Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, formado pelo 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, conforme especificações das tabelas I e II.

Tabela I: Delimitação da população base de arte-educadores

Escola Parque	1º ano	2º ano	3º ano	Arte-educadores
A	1	1	1	3
B	1	1	1	3
C	1	1	1	3
D	1	1	1	3
E	1	1	1	3
Arte-educadores	5	5	5	15

Tabela II: Delimitação da população base de estudantes

Escola Parque	1º ano	2º ano	3º ano	Estudantes
A	10	10	09	29
B	10	10	10	30
C	10	10	09	29
D	10	10	10	30
E	10	09	09	28
Estudantes	50	49	47	146

3.2. Entrevistas e questionários

Os roteiros de entrevistas foram elaborados com questões de caráter objetivo e subjetivo, de modo sintético, para não atrapalhar o andamento do cotidiano escolar com uma entrevista excessivamente longa. As questões destinadas à entrevista de estudantes foram feitas de modo que estes pudessem compreendê-las, para que não fosse necessário solicitar ao entrevistador a explicação da pergunta, pois: quando se tenta explicar demais, acaba-se dizendo, de um modo ou de outro, o que se espera que o outro responda (Duarte, 2002:149). Portanto, para garantir a inteligibilidade das perguntas, o roteiro de entrevista passou pelo crivo de uma estudante do 2º ano - BIA (Vitória Cristina, sete anos), que fez uma seleção de palavras, separando as de fácil/difícil compreensão e adaptando as perguntas para garantir seu entendimento.

3.3. Questionário dirigido a arte-educadores

O questionário foi programado para ser realizado individualmente, utilizando em média 15 minutos, tempo que o arte-educador pôde disponibilizar no intervalo do turno escolar, sem atrapalhar o andamento da aula. Na tabela III consta uma estimativa de tempo utilizado no preenchimento destes. Este questionário, conforme indica a tabela IV, possui 25 questões ao total, com 20 questões objetivas, sendo que duas possuem desdobramento discursivo e 5 questões discursivas.

Tabela III: Estimativa de tempo, questionário dos arte-educadores

Escola parque	1º ano	2º ano	3º ano	Estimativa/Tempo
A	15 min.	15 min.	15 min.	45 min.
B	15 min.	15 min.	15 min.	45 min.
C	15 min.	15 min.	15 min.	45 min.
D	15 min.	15 min.	15 min.	45 min.
E	15 min.	15 min.	15 min.	45 min.
Estimativa/Tempo	1h 15 min.	1h 15 min	1h 15 min	03h 45min

Tabela IV: Questionário dirigido a arte-educadores

Escola: Disciplina: Ano: Formação:		
Nº	Pergunta	Tipo
01	O que é teatro, para você?	Discursiva
02	Você costuma assistir peças teatrais? () sim () não () outro	Objetiva
03	Você costuma assistir filmes? () sim () não () outro	Objetiva
04	Você já participou de alguma atividade ligada a Teatro, fora da escola? () sim () não () outro	Objetiva
05	Você fez algum curso de formação para ministrar aulas de Teatro? () sim () não () outro	Objetiva
06	Você se sente preparado(a) para exercer essa função? () sim () não () outro	Objetiva
07	Você sente que o ensino de Teatro é valorizado na sua escola? () sim () não () outro	Objetiva
08	Você se sente valorizado(a) como arte-educador(a) de Teatro? () sim () não () outro	Objetiva
09	Você ministra outras disciplinas, além de Teatro? () sim () não () outro	Objetiva
10	Você tem tido êxito nas aulas de Teatro? () sim () não () outro	Objetiva
11	Os estudantes gostam das suas aulas? () sim () não () outro	Objetiva
12	Os estudantes obtêm boas notas? () sim () não () outro	Objetiva
13	Como é feita a avaliação deles?	Discursiva
14	Você trabalha com a abordagem triangular para o ensino de Teatro? () sim () não () outro	Objetiva
15	Os estudantes fazem apresentações teatrais na escola? () não () sim Quando?	Objetiva/ Discursiva
16	Os estudantes assistem peças teatrais fora da escola, com a comunidade escolar? () sim () não () outro	Objetiva
17	Você utiliza jogos teatrais em sala de aula? () sim () não () outro	Objetiva
18	Você utiliza jogos dramáticos em sala de aula? () sim () não () outro	Objetiva
19	Você já leu peças teatrais para/com os estudantes? () sim () não () outro	Objetiva
20	Que conteúdos você trabalha nas aulas de Teatro? Qual é a fonte desses conteúdos?	Discursiva
21	O livro didático ajuda na aplicação do conteúdo em sala de aula? () sim () não () outro	Objetiva
22	Você prefere que os estudantes façam atividades escritas: () no livro () no caderno () outro	Objetiva
23	Você adotaria um livro didático para suas aulas de Teatro? () sim () não Por quê?	Objetiva/ Discursiva
24	Como deve ser o livro didático de Teatro?	Discursiva
25	O que pode ser feito para melhorar as aulas de Teatro na escola?	Discursiva

3.4. Entrevista com estudantes

O roteiro de entrevista dos estudantes foi programado para ser realizado individualmente, utilizando em média 5 minutos, tempo que o entrevistado pôde ausentar-se de sala, sem atrapalhar o andamento da aula. Cada turma teve cerca de 10 estudantes entrevistados. Na tabela V, consta uma estimativa de tempo de entrevista. Este roteiro, conforme indica a tabela VI, possui 15 perguntas ao total, com 12 questões objetivas, sendo que 4 possuem desdobramento discursivo e 3 questões discursivas.

Tabela V: Estimativa de tempo de entrevista com estudantes

Escola Parque	1º ano	2º ano	3º ano	Estimativa/tempo
A	50 min.	50 min.	50 min.	02h e 30 min.
B	50 min.	50 min.	50 min.	02h e 30min.
C	50 min.	50 min.	50 min.	02h e 30min.
D	50 min.	50 min.	50 min.	02h e 30min.
E	50 min.	50 min.	50 min.	02h e 30min.
Estimativa/tempo	04h e 16min.	04h e 16min.	04h e 16 min.	12h e 30min.

Tabela VI: Roteiro de entrevista dirigido a estudantes

Escola: Ano:		
Nº	Pergunta	Tipo
01	O que é teatro, para você?	Discursivas
02	O que você faz nas aulas de teatro da escola?	Discursivas
03	Você já apresentou alguma peça teatral na escola? () não () sim Quando?	Objetiva / Discursivas
04	Você costuma assistir, na escola: () peças teatrais () filmes () desenhos () novelas () esporte	Objetiva
05	Você costuma assistir, fora da escola: () peças teatrais () filmes () desenhos () novelas () esporte	Objetiva
06	Você costuma ler/ver na escola: () revistinhas () álbuns de figurinhas () almanaques () livros	Objetiva
07	Você costuma ler/ver, fora da escola: () revistinhas () álbuns de figurinhas () almanaques () livros	Objetiva
08	Alguém da sua família lê estórias para você? () sim () não () outro	Objetiva
09	Você já ouviu/leu peças teatrais na escola? () sim () não () outro	Objetiva
10	Você usa livros na escola? () não () sim Quais?	Objetiva / Discursivas
11	O livro te ajuda a entender as matérias? () sim () não () outro	Objetiva
12	Você prefere fazer as atividades: () no livro () no caderno () outro	Objetiva
13	Em Teatro você usa algum livro? () não () sim Qual?	Objetiva / Discursivas
14	Você gostaria de usar livro nas aulas de Teatro? () não () sim Como ele deve ser?	Objetiva / Discursivas
15	O que pode ser feito para melhorar as aulas de Teatro na escola?	Discursivas

3.5. Procedimentos básicos para aplicação dos questionários e realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e um colaborador, sem qualquer ligação com arte-educadores, estudantes ou outros profissionais das escolas selecionadas para a pesquisa¹. Buscou-se assegurar o distanciamento necessário para não gerar interferências ou confundir as opiniões e discursos dos interlocutores, garantindo a validação e legitimidade do material coletado, organizado e analisado nesta pesquisa. Também foi formulado um conjunto de orientações básicas para a realização de pesquisas qualitativas (listado abaixo), de acordo com Duarte, pois:

Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semi-estruturadas, encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta, contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais (evitando o máximo possível gestos de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros), são competências que só se desenvolve na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza. (DUARTE, 2002, p.146)

- Solicitar aos arte-educadores e estudantes a gentileza de participar desta pesquisa, sobre o emprego de materiais didáticos e o ensino de Teatro. Explicar que se trata de uma pesquisa qualitativa para um projeto de diplomação da Universidade de Brasília, esclarecendo que os indivíduos não terão seus nomes mencionados em caso de publicações;
- Realizar a entrevista individualmente, de forma calma, clara e neutra. Entrevistar os estudantes somente mediante autorização prévia da instituição de ensino e do arte-educador responsável pela turma;
- Anotar as respostas dos entrevistados fielmente, independentemente de coesão, coerência ou padrão linguístico;
- Eximir-se de emitir opiniões próprias acerca de questões apresentadas e evitar expressões faciais que denotem aprovação ou reprovação, junto aos entrevistados;
- Agradecer aos arte-educadores e estudantes a gentileza de preencher o questionário e conceder a entrevista, doando seu tempo e atenção para a realização desta pesquisa.

¹Como recursos materiais, foram utilizados: trinta questionários impressos (arte-educador), 160 roteiros impressos (estudantes), duas pranchetas, quatro canetas, dois envelopes de papel pardo, além de cadeiras e bancos, disponibilizados pelas escolas para a realização das entrevistas.

4. Etapas de trabalho

4.1. Etapa I: Contato inicial

Foi feita a apresentação do projeto desta pesquisa e solicitação de autorização para a sua realização, junto a Gerência Regional de Educação Básica (GREB) e à direção/coordenação das Escolas Parques que compõem o universo da pesquisa. As Escolas Parques receberam a autorização da GREB, uma declaração da Universidade de Brasília e uma cópia do projeto desta pesquisa.

4.2. Etapa II: Aplicação de questionários e realização de entrevistas

Nesta etapa, realizou-se a aplicação dos questionários e entrevistas, de acordo com a metodologia exposta anteriormente. O material bruto coletado foi reservado para organização de dados da etapa posterior.

4.3. Etapa III: Organização do material bruto coletado

As respostas de cada questão contida nos questionários e entrevistas, do material bruto coletado, foram agrupadas por similaridade e computadas numericamente, gerando tabelas de dados objetivos, conforme exemplificado nas tabelas VII e VIII.

Tabela VII: Dados objetivos, referentes aos questionários dos arte-educadores.

1º Ano	2º ano	3º ano	BIA	Resposta
Questão nº 01: O que é teatro para você?				
00	02	03	05	Forma de expressão
03	02	00	05	Arte: de exercício do coletivo, artesanal, importante para a formação, síntese das artes.
00	01	03	04	Autoconhecimento, descoberta de si e do outro.
00	02	01	03	Vida
01	00	00	01	Meio de comunicação
01	00	00	01	Profissão

Tabela VIII: Dados objetivos, referentes às entrevistas com estudantes.

1º ano	2º ano	3º ano	BIA	Resposta
Questão nº 1: O que é teatro para você?				
19	17	14	50	Comentário positivo: Bem, bom, alegria, legal, divertido, engraçado, emoção
10	13	12	35	Apresentação, peça, personagem
03	03	08	14	Brincadeira
01	05	04	10	Expressão Corporal: dança, coreografia, movimento
03	02	02	07	Teatro de bonecos
04	01	02	07	Artes Plásticas: desenho, pintura
02	03	01	06	Filme
01	03	00	04	Música, canto
02	01	00	03	Arte
00	03	00	03	Invenção, imaginação
00	01	02	03	Auto liberação
02	00	00	02	Comentário negativo: chato, nunca fui
00	02	00	02	Ensino
04	01	02	07	Diversos: profissão, assistir, leitura, tudo, comportar-se educadamente e estória
03	02	05	10	Não sabe
03	02	1	06	Não respondeu

A partir das tabelas de dados, foram gerados gráficos, importantes por possibilitarem a visualização e análise precisa, feita através de percentuais. Os gráficos 01 e 02 podem ser tomados como exemplificação do sistema de organização de dados aplicado nesta pesquisa.²

Gráfico 01: O que é teatro para você?

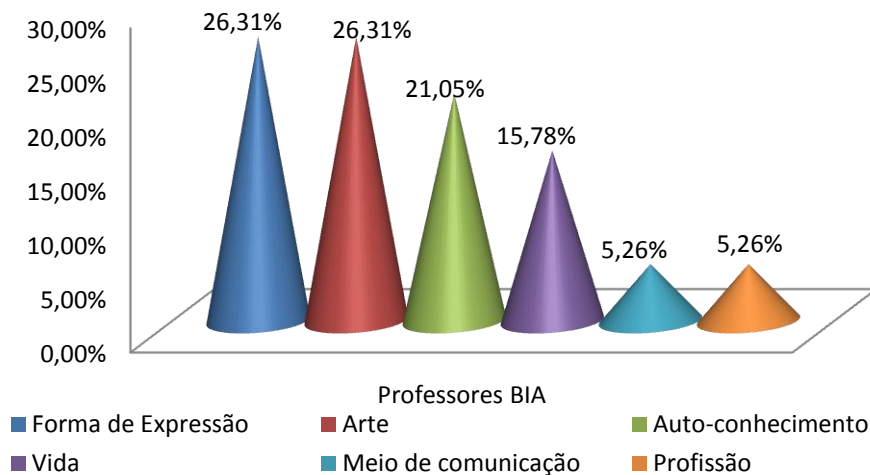
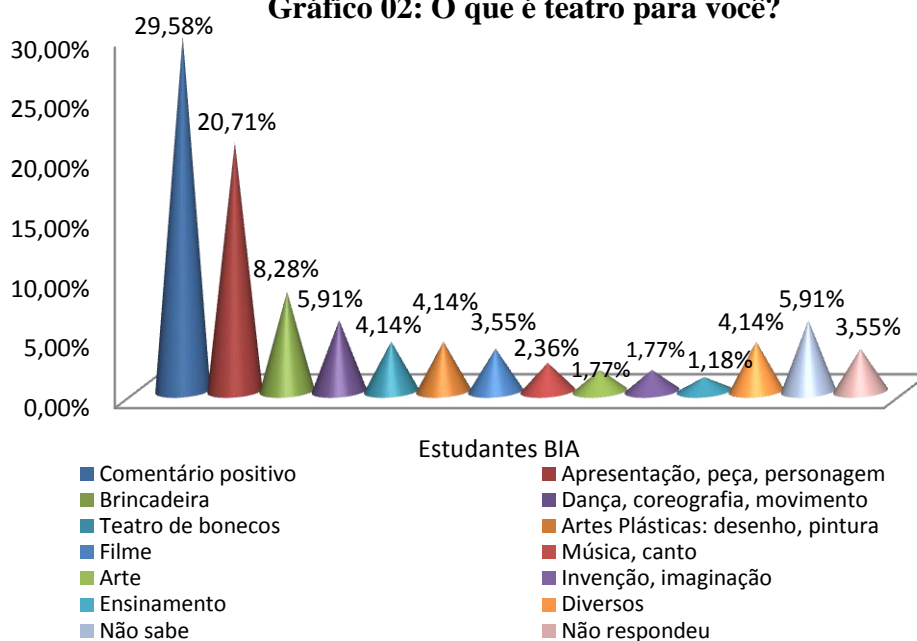


Gráfico 02: O que é teatro para você?



²De acordo com Humberto Eco: O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas e, portanto, para uma continuidade pública. (ECO, 2012, p.23).

5. Análise crítica

Esta análise prossegue com a investigação acerca da ausência de materiais didáticos no ensino de Teatro, pelo Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, nas Escolas Parques de Brasília. Para alcançar os objetivos propostos, buscou-se compreender o universo pesquisado, tendo como guia as questões norteadoras e estabelecendo um diálogo com o referencial teórico constituído principalmente pela filosofia da educação, de John Dewey, por ideias acerca da história e metodologias de ensino de teatro, de Ana Mae Barbosa, Ricardo Japiassu, Arão Paranaguá de Santana, e pelas pesquisadoras do mercado e design de materiais educativos Tânia Dauster e Christiane Orloski. Entendendo a multiplicidade de possibilidades e versões, não foram propostas respostas definitivas, mas optou-se pela reflexão acerca da utilização de materiais didáticos formais e de caminhos metodológicos.

5.1. Material didático formal no ensino de Teatro no BIA

Através desta pesquisa, foi confirmada a ausência de materiais didáticos formais no ensino de Teatro no BIA, nas Escolas Parques de Brasília. É importante observar que essas escolas são referências para o ensino de Arte em Brasília. No entanto, mesmo possuindo um corpo docente composto por arte-educadores licenciados e uma estrutura completamente dirigida para o êxito, com salas amplas, auditórios e áreas abertas, além da disponibilidade de equipamentos eletrônicos diversos, quando se trata de materiais didáticos formais, não se encontra nada além de uma lacuna.³

Nessa pesquisa, encontrei a mesma problemática do ensino de Teatro enquanto estudante, arte-educadora e mãe, em escolas públicas e privadas de diferentes estados brasileiros. Essa problemática, que se perpetua ao longo do tempo e perpassa gerações, lança-nos a uma pergunta básica: Por que razão os materiais didáticos formais não são utilizados nas aulas de Teatro? Para responder esta questão, buscou-se compreender a influência da legislação, do mercado editorial e do processo de instituição do ensino de Arte e Teatro no Brasil.

³Conforme dados coletados nesta pesquisa, 86,66% dos arte-educadores de Teatro, do universo pesquisado, possuem licenciatura em Artes Cênicas, sentem-se preparados para exercer o ofício com êxito e tiveram contato direto com atividades extra-escolares, ligadas ao teatro, ao longo de suas vidas. Verificamos também que 80% destes arte-educadores sentem que o ensino de teatro é valorizado em sua escola, mas apenas 66% sentem-se valorizados como profissionais.

5.2. A legislação e os materiais didáticos

Sob o ponto de vista legal, o Estado Brasileiro mantém uma postura neutra em relação à adoção de materiais didáticos para o ensino de Teatro, não estabelecendo nenhuma obrigatoriedade, mas também não gerando nenhuma restrição para o seu uso na rede de ensino pública e privada. Recentemente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ganhou um tópico no Artigo 4º, dado pela redação da Lei nº 12.796/2013, que visa assegurar ao estudante da rede pública o direito de ser atendido: [...] em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar. Essa medida legal institucionalizou um padrão de ação do poder executivo, já instituído na prática por programas estatais, que fornecem às escolas públicas materiais didáticos e paradidáticos, destinados a atender as demandas das disciplinas curriculares, sem distinção.

Embora o Teatro “seja uma disciplina que conta com propósitos, métodos, conteúdos e formas avaliativas, tal como as demais matérias que integram o currículo, tendo na escola o mesmo grau de importância e valor, conforme exigência da lei 9.394/96”, (SANTANA, ano 2010, p.08), percebemos que essa medida legal pode não gerar mudanças na questão da ausência de materiais didáticos formais nesta disciplina, caso não investiguemos as raízes dessa problemática, pois enquanto eles inexistem, não podem ser adquiridos. No entanto, da feita que estes materiais estejam disponíveis nos catálogos das editoras e sejam requeridos pelas escolas, podem ser adotados como suporte pedagógico e inseridos na rede privada e/ou pública, com o respaldo da lei em vigor. Mas, o que poderia determinar a elaboração e publicação destes materiais? Há mercado para a implementação de materiais didáticos formais de Teatro?

5.3. A dinâmica do mercado de materiais didáticos e paradidáticos

Na Análise dessa problemática sob uma perspectiva mercadológica, nos deparamos com uma questão importante que trata da abertura do mercado para a implementação de materiais didáticos formais de Teatro. Sabe-se que o mercado é regido pela lei da oferta e da procura. Mas o que fazer com a procura, quando não se tem a oferta? Como gerar uma oferta quando não se tem a certeza da procura? Esse é exatamente um dos pontos da lacuna sobre a qual nos debruçamos para compreender.

De acordo com a pesquisa “A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares”, a escolha de publicações destinadas a usos escolares não passam necessariamente pelo gosto pessoal dos editores e sim por tendências de mercado e seu potencial de assimilação, revelando a procura como um dos fatores determinantes na publicação de livros escolares:

Mesmo que se trate de uma generalização, percebemos que as editoras têm uma representação sobre o que as escolas desejam adotar, que se constitui como um importante fator no processo decisório. [...] Uma outra faceta do sistema desse mercado, são os textos de encomenda, que se constituem como uma resposta que as editoras dão ao público, a partir de uma demanda sentida. (DAUSTER, 1999, p.07-08)

A sociedade atual alcançou avanços notáveis rumo à disponibilização do conhecimento, gerando uma mudança significativa dentro e fora dos muros escolares, o acesso ao conhecimento foi expandido e novas fontes de informações admitidas com a popularização e facilitação do acesso a internet, jogos digitais, DVDs, *e-books*, livros, revistas e periódicos.⁴ O acesso ao conhecimento sistematizado oferecido por intermédio dos livros didáticos e paradidáticos foi ampliado e as crianças de hoje têm mais autonomia nesta interação do que duas décadas atrás. Aspectos importantes dos materiais didáticos têm sido reconsiderados, do conteúdo à forma. Autores e editores têm utilizado diversificados meios de criação e recursos tecnológicos para acompanhar esses avanços e garantir a satisfação de um público cada vez mais exigente.⁵ Dados estatísticos do ISBN revelam um número crescente de publicações de obras didáticas. No catálogo de obras por assunto, consta o registro anual de 7.128 obras em 2010 e 7.919 em 2012.

Hoje há um mercado garantido, mas sazonal, de livros didáticos e paradidáticos, incluindo vendas avulsas para estudantes de escolas da rede privada e vendas realizadas ao Estado para a rede pública. Somente entre os anos 2010 e 2011, houve um aumento de 3% no mercado avulso e de 21% nas vendas para o Estado, que são destinadas, em sua maioria, para usos escolares e composição de acervos de bibliotecas públicas. Curiosamente, embora o mercado editorial esteja em alta, com o faturamento registrado de 4,8 bilhões de Reais somente no ano de 2012, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, apenas 50% da população brasileira pode ser considerada leitora⁶, o que revela uma queda alarmante no percentual e no número absoluto de leitores, que saiu de 95,6 milhões, em 2007 para 88,5 milhões em 2011, mas revela também um espaço para o crescimento.

⁴ Atualmente 9% do total dos lançamentos de livros no Brasil são realizados em formato digital, de acordo com dados do Instituto de Pesquisas Econômicas - IPEA.

⁵ No calendário da Fundação Nacional do Livro estão cadastradas cerca de 180 Feiras do Livro, eventos largamente visitados por estudantes e professores de instituições de ensino.

⁶ Para essa pesquisa foi utilizado o critério internacional, onde a pessoa tem que ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses, para ser considerada leitora. É importante lembrarmos aqui que revistas e jornais, assim como periódicos eletrônicos, não fazem parte desses critérios internacionais de pesquisa.

Diz-se que cada vez se lê menos, dado o poder da imagem da TV e do vídeo. Contudo, nunca se publicou tanto quanto hoje. Dados quantitativos mostram que o Brasil é um grande mercado editorial, com significativo contingente de leitores e grande vitalidade no universo da leitura, como vendas expressivas, freqüentes feiras de livros, noites de autógrafos, rede de bibliotecas e grupos de contadores de histórias. Vale lembrar que a nossa Bienal do Livro é a terceira maior do mundo. (DAUSTER, 1999, p.03)

Observa-se o aquecimento no mercado editorial didático com grande entusiasmo, mas verificou-se que isso não acontece na mesma proporção em todas as disciplinas. Em nossa pesquisa, 94,52% dos estudantes entrevistados afirmaram utilizar livros didáticos na escola e apenas 1,80% citou o livro de arte, destinado ao ensino de desenho. O percentual de estudantes que afirmou não utilizar livros nas aulas de Teatro é de 87,67%, sendo que os 12,32% utiliza livros diversificados, mas nenhum é da área.

Os raros livros didáticos de Teatro que foram encontrados são basicamente teóricos e destinados apenas ao Ensino Médio, revelando uma resposta ao estímulo externo, provocado por universidades brasileiras com a recente inclusão de conteúdos de Arte em provas de vestibulares. No catálogo de livros didáticos de Artes, código 372.5, a maior oferta ainda é a de livros de Artes Plásticas, principalmente aqueles dirigidos ao ensino de técnicas de desenho geométrico⁷. Essa evidente desproporção está ligada, além de fatores inerentes a natureza de cada uma dessas artes, ao processo de instituição do ensino de Arte e caminhos metodológicos adotados por estes.

Por vezes, a própria visão que os editores fazem a propósito do papel e da influência do vestibular sobre as práticas escolares, conduz a atitudes mais conservadoras por parte das editoras. (DAUSTER, 1999, p.08)

Então, se por um lado esse posicionamento das universidades representa um avanço, auxiliando na disseminação de informações deste universo, por outro lado revela um alerta para um possível desvio de caminho, onde o teatro pode passar a ser visto apenas como meio de alcançar outros objetivos, como pontuações mais elevadas em provas de vestibular, ao invés de promover a educação estética do indivíduo.

5.4. Um breve panorama do ensino das artes no Brasil

Sabe-se que além dos projetos governamentais que abastecem as escolas públicas com materiais didáticos, existe uma lei que respalda a aquisição destes e que o mercado editorial é guiado pelas tendências de mercado, respondendo às requisições das redes de ensino, que por sua vez é regida principalmente pela atuação do corpo docente e discente.

⁷ Em 1983, uma pesquisa de Heloisa Ferraz apontou os livros didáticos como principal fonte de ensino de Artes (com 82%, do total de apontamentos), com a predominância do desenho geométrico.

Chega-se a um ponto específico de nossa análise, em que é preciso conhecer a visão dos arte-educadores e estudantes acerca do material didático de teatro.

Por meio de um breve panorama do ensino de arte no Brasil é possível ter-se um esclarecimento dos caminhos metodológicos percorridos até então, o que é totalmente necessário para a compreensão desta problemática.

De acordo com Ana Mae Barbosa, o trabalho manual, desprezado por ser praticado por escravos, assim como as artes aplicadas às técnicas e indústrias, passaram por uma valorização, resultante da abolição da escravatura, dos movimentos migratórios e do advento da sociedade industrial no Brasil. No início do século XX, a preocupação relacionada ao ensino de Arte, ainda concebido como Desenho, está ligada principalmente à implementação deste na escola primária e secundária, por sua utilidade no mundo do trabalho, valorizando sua equivalência funcional com a escrita, com o intuito de suprir as necessidades do mercado, intensificadas com o advento da industrialização no Brasil.

Este processo teve como influência o ideário positivista, as ideias e projetos de reforma do ensino de Rui Barbosa, resultados diretos de sua atuação política, que visava o enriquecimento econômico do país, sendo que: este enriquecimento só seria possível através do desenvolvimento industrial e a educação técnica e artesanal do povo era por ele considerada uma das condições básicas para este desenvolvimento (BARBOSA, 2012, p.44). Nota-se também a influência direta de Rui Barbosa na difusão do livro didático para o ensino de Desenho, conforme revela-nos a citação abaixo, sobre a publicação do primeiro manual de Desenho Geométrico destinado a estudantes, no Brasil:

Antes mesmo que fosse publicado o Parecer sobre o Ensino Primário, onde desenvolve ideias mais amplas, mais originais e pessoais sobre o ensino da arte, articulando-as com uma filosofia da educação que escolhera como base de suas ideias pedagógicas, foi publicado o primeiro manual de Desenho geométrico para as escolas primárias, escrito por Abílio César Pereira Borges. O manual, intitulado *Geometria Popular*, é uma espécie de reedição simplificada e muito reformulada de uma obra que o autor escrevera quatro anos antes para o estudo de Geometria em geral e que despertara numerosas críticas. Tendo sido publicada esta 2ª edição, meses depois (julho de 1882) da apresentação do Parecer de Rui Barbosa sobre o Ensino Secundário (13 de abril de 1882), teve enorme sucesso e foi usado em nossas escolas primárias durante toda a metade do século XX. Sua última edição, a 41ª, data de 1959. É realmente um caso raro no Brasil que um livro mesmo didático, pudesse ter atingido naquele tempo 41 edições. Pretendia seu autor que seu livro penetrasse nas escolas, das mais longínquas e menos favorecidas aldeias. (BARBOSA, 2012, p.53)

A reunião de diversos fatores, que incluem desde a ideia de literalidade do desenho, seu vínculo com o mundo do trabalho, momento político, exigências do mercado nacional/internacional e possibilidade de registro de obras de arte, entre outros fatores, contribuíram

para propiciar a atmosfera ideal para a instituição do ensino de Desenho e a disseminação do livro como material didático formal, constituindo assim, uma cultura do uso de livros didáticos como mediadores do conhecimento técnico das Artes Plásticas nas escolas.

O mesmo não ocorreu com o ensino de Teatro, que trilhou um caminho desfavorável à implementação de materiais didáticos. O processo de instituição do ensino de Teatro é muito recente e teve como influência direta a expansão do movimento escolanovista, a partir de 1940, onde o ensino da arte passa a ser visto em sua importância para o desenvolvimento do sujeito e não mais em sua utilidade como ofício, abrindo espaço para outras artes como teatro, dança e música. O movimento das “escolinhas de arte”, que tinham como principal característica a ênfase excessiva na livre expressão, levou à disseminação e cristalização do “espontaneísmo” individual ou coletivo, que consiste em uma leitura equivocada e deturpada da livre expressão:

Contudo, a partir dos anos 1940, quando o movimento escolanovista difundiu-se em um Brasil que passava por transformações políticas de maior importância e planejava a expansão da escolarização, a arte ganhou um *status* novo, passando a ser vista como experiência que leva ao aprendizado e ao desenvolvimento expressivo. As primeiras práticas de teatro-educação surgiram junto às escolinhas de arte de Augusto Rodrigues, disseminando-se aos poucos em colégios experimentais, escolas de magistério etc. Entretanto, como não havia tradição em termos de ensino da linguagem teatral – seja na educação básica ou profissionalizante – ocorreu a difusão massiva do espontaneísmo, quando não a atribuição à arte do papel de atividade coadjuvante de outras matérias do currículo. (SANTANA, ano 2002, p.248)

Posteriormente, com a disseminação da abordagem triangular de ensino, o “espontaneísmo” começou a ser confrontado e substituído, gradualmente, por metodologias que visam o: desenvolvimento da consciência emancipadora do indivíduo, para que o sujeito se conscientize desse processo de *reificação* ou *coisificação* na qual somos todos enredados com o advento da indústria cultural e recupere sua autonomia e autoconsciência criadora (JAPIASSU, 2012, p.13).

Em 1961, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, a arte dramática foi inserida no currículo escolar de forma não obrigatória como **prática educativa**. A partir de 1971, o ensino de teatro foi inserido no currículo de 1º e 2º grau, como atividade de arte, de forma obrigatória, polivalente e prevendo 1 hora/aula semanal, mas sem a exigência de nota para aprovação, ou seja, a disciplina foi instituída como obrigatória, mas não podia reprovar! Neste período, não havia professores licenciados para ministrar essas aulas, o que trouxe a necessidade de absorver professores sem formação adequada, representando um atraso para o desenvolvimento dos conteúdos e pedagogia do Teatro, além de gerar descrédito para a área no contexto educacional. Somente três anos após a promulgação da lei

5.692/71, é que foram gerados cursos universitários preparatórios para os professores de educação artística e tinham como objetivo formar professores polivalentes.

Em 1977, Ana Mae Barbosa⁸ torna-se a primeira doutora em arte-educação do Brasil e a principal disseminadora da abordagem triangular no ensino de Arte, defendendo que:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser apreendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 2007, p.35)

Entretanto, a arte-educação não era aceita como linha de pesquisa pela CAPES até 1982, quando esse quadro se modifica e arte-educadores dos EUA e Inglaterra são convidados para ministrar cursos de pós-graduação no Brasil. Esses acontecimentos influenciaram na promulgação da LDBEN, nº 9394/96, onde o ensino de Arte fora assegurado, em caráter obrigatório para todos os níveis da educação básica, especificado como Artes Plásticas, Teatro, Dança e Música.

Esse panorama delata um processo recente e lento na instituição do ensino de Teatro, onde um conjunto de fatores que poderiam estimular o desenvolvimento de metodologias e culminar na disseminação deste conhecimento através de materiais didáticos tomou o rumo contrário, o caminho anti-metodológico do “espontaneísmo”.

5.5. A metodologia do ensino de Teatro no BIA

Nessa pesquisa nas Escolas Parques, com o Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, foi verificado que o ensino de Teatro ocorre com a predominância da abordagem triangular (73,33%), articulando o fazer teatral, a apreciação e reflexão estética, com ênfase no desenvolvimento da autoconsciência e autonomia do sujeito. Os jogos dramáticos e teatrais são aplicados em sala de aula por 100% dos arte-educadores.

5.5.1. Sobre o fazer teatral

Ao serem perguntados sobre o que fazem nas aulas de teatro, os estudantes destacaram: as brincadeiras e jogos (29,2%); o fazer teatral, montagem de peças, cenas, ensaios e apresentações (14,84%); a dança (9,17%); os trabalhos de artes plásticas (8,29%); a composição de personagens, fantasias e imitações (3,93%); a apreciação (3,93%); o ouvir, ler, escrever e contar histórias (3,93%); a música e o canto (3,49%); a

⁸ Ana Mae teve sua tese defendida em Boston, EUA. Nesta época o Brasil ainda não possuía cursos de pós-graduação em arte.

movimentação corporal e ginástica (3,49%); fizeram comentários positivos acerca das aulas (3,05%), mencionando também o teatro de bonecos e sombras (2,62%), entre outros.

Os conteúdos promovidos nas aulas, de acordo com os arte-educadores são: jogos (15,68%); textos teatrais (9,80%); estórias (7,84%); improvisação (7,84%); expressão e consciência corporal (7,84%); voz, dicção, música e sonoplastia (7,84%); cenografia, espaço e luz (7,84%); jogos teatrais (5,88%); exercícios de teatro (5,88%); indumentária e maquiagem (5,88%); dança (3,92%); valores: socialização, integração, respeito e desinibição (3,92%); exercícios de criatividade e dinâmicas (3,92%); peças teatrais e encenação (3,92%) e teatro de bonecos (1,96%).

O estudo da dramaturgia é promovido por grande parte dos arte-educadores (86,66%), através de leituras dramáticas para/com estudantes, sendo que 13,33% dos arte-educadores não promovem estes estudos. Dentre os estudantes, 61,64% afirmam já ter ouvido ou lido peças teatrais na escola e 34,24% dizem nunca ter participado de leituras dramáticas.

O estudo da dramaturgia no ensino fundamental é importante, não só para formar futuros dramaturgos, mas para formar espectadores conscientes que saibam diferenciar arte e entretenimento, que consigam escolher e fruir espetáculos cênicos. Por isto, observa-se aqui a importância desta ser assimilada como conteúdo da disciplina Teatro e não apenas como conteúdo de Português, pois, embora qualquer texto possa ser representado, é exatamente este “gênero literário e técnica de escrever peças baseada em convenções da arte dramática, que estabelece os princípios de construção da obra” (Caderno 08, 2009:17). A importância da dramaturgia como elemento literário precedente é destacada por Sábado Magaldi, com a citação de Baty:

O texto é a parte essencial do drama. Ele é para o drama o que o caroço é para o fruto, o centro sólido em torno do qual vêm ordenarem-se os outros elementos. E do mesmo modo que, saboreando o fruto, o caroço fica para assegurar o crescimento de outros frutos semelhantes, o texto, quando desaparecem os prestígios da representação, espera numa biblioteca ressuscitá-los algum dia.⁹

A elaboração e apresentação de peças teatrais na escola é adotada como parte do fazer teatral por 100% dos arte-educadores do universo pesquisado. Com relação às datas de apresentação, 33,33% são realizadas no 4º bimestre, 26,66% em festas escolares, 13,33% são realizadas quando os estudantes se encontram preparados, 6,66% das datas são decididas pelo grupo, 6,66% acontecem bimestralmente.

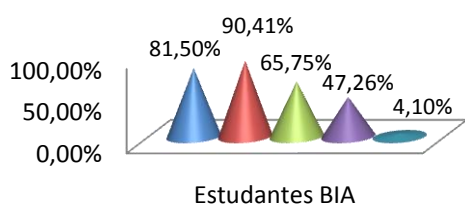
⁹Ver Gaston Baty, *Le metteur en scène*, in *Rideau baissé*, Paris, Bordas, 1949, p. 218.

Nas entrevistas com estudantes aparecem dados que poderiam configurar uma contradição com o discurso dos arte-educadores. No entanto, verifica-se que uma mudança recente na política da Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal trouxe a matrícula de novos estudantes para as Escolas Parques, justificando o alto percentual de estudantes que nunca apresentaram peças teatrais (59,10%) e o percentual de 43,15% de estudantes, que afirmam já ter apresentado alguma peça na escola.

5.5.2. Sobre a apreciação estética

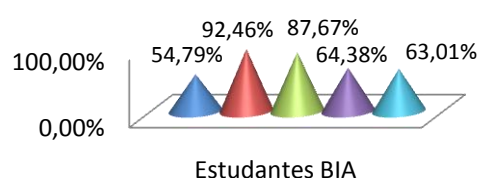
Quanto à apreciação estética teatral, foi verificado que 46,66% dos arte-educadores geram a possibilidade de apreciação de peças teatrais fora do ambiente escolar para os estudantes. O percentual de arte-educadores que possuem o costume de assistir peças e filmes é de 93,33%. Os estudantes em geral, afirmam ter o costume de assistir peças teatrais, filmes, desenhos e esporte, dentro e fora do ambiente escolar.¹⁰ Curiosamente apareceu um pequeno percentual de assistência de telenovela na escola e este é atribuído à utilização de uma telenovela infantil na elaboração de uma peça. Os estudantes levaram em consideração a apreciação de jogos teatrais e jogos esportivos, pois em ambos os casos são gerados grupos de espectadores além das apresentações de peças teatrais realizadas pela e para a própria comunidade escolar.

Gráfico 03: Você costuma assistir na escola:



- Peças teatrais ■ Filmes ■ Desenho
- Esporte ■ Novela

Gráfico 04: Você costuma assistir fora da escola :



- Peças teatrais ■ Filmes ■ Desenhos
- Novelas ■ Esporte

Embora, o elemento espetacular dentro do processo pedagógico seja válido para a atividade apreciativa, é importante lembrar que a apreciação estética deve acontecer não somente dentro do jogo teatral, mas também fora dele. A apreciação estética amplia as possibilidades de acesso, compreensão e valorização da arte local, nacional e global,

¹⁰ Convém observar que não foi verificada a frequência de apreciação em nenhum dos itens acima.

contribuindo para a compreensão do caráter universal da arte e auxiliando na formação de plateia.

O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público. (BARBOSA, 2007, p.32)

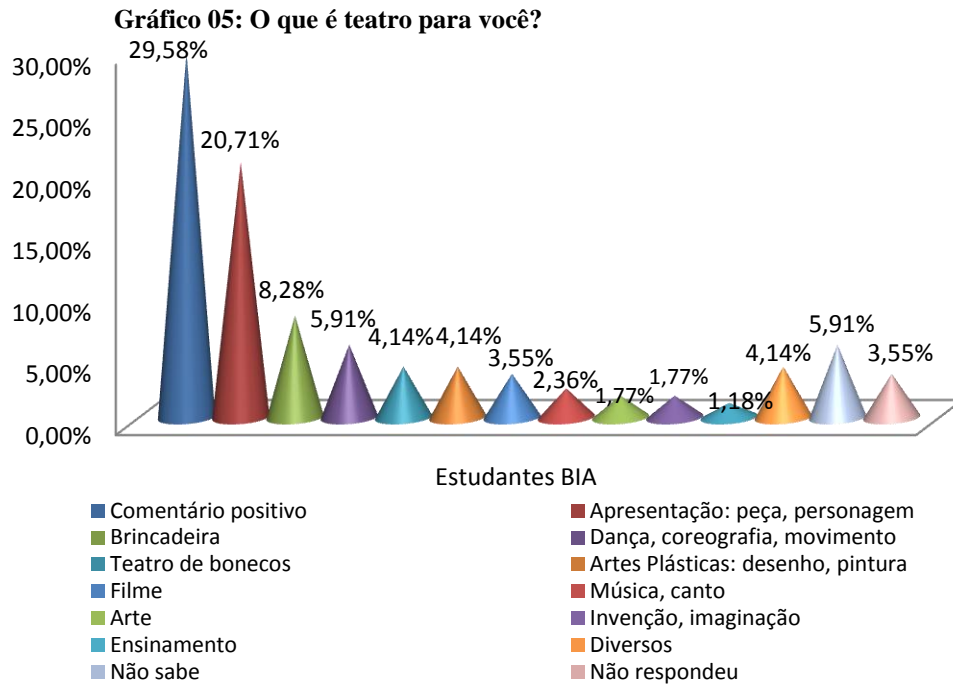
5.5.3. Sobre a reflexão

É importante observar que a reflexão, identificada também como contextualização, que pode ser histórica, geográfica, psicológica, emocional, entre outras, é grande aliada da educação pela experiência, sem a qual nenhum processo educativo pode ser conclusivo. De acordo com Ana Mae Barbosa, o significado de uma obra de arte depende do seu contexto, “nenhuma forma de arte existe no vácuo”, o que reitera que:

A prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte. Pelo contrário, a livre expressão, sem o desenvolvimento da capacidade crítica para avaliar a produção, tem formado nos Estados Unidos um consumidor ávido e acrítico de imagens. (BARBOSA, 2007, p.41)

A reflexão como elemento da abordagem triangular é promovida no ensino do BIA por 73,33% dos arte-educadores, desta pesquisa. Neste sentido, ao perguntar sobre o conceito de teatro, verifica-se também o exercício do elemento reflexivo nos enunciados de arte-educadores e estudantes. Essas conceituações não apontam para uma definição única e consistente, mas nos oferecem uma gama de possibilidades como ideias do que seja o teatro, revelando o seu caráter múltiplo. Os arte-educadores conceituam o teatro como: forma de expressão (26,31%), arte (26,31%), forma de autoconhecimento (21,05%), vida (15,78%), meio de comunicação (5,26%) e profissão (5,26%).

Para os estudantes esse conceito é tão diversificado quanto para os arte-educadores, demonstrando a ligação intrínseca da teoria com a prática de aula, o que se pode perceber pelo gráfico 05, revelando também a natureza do teatro, podendo ser definido: como uma forma de arte na qual cinco componentes condensam sua elaboração, a saber: o **texto**, escrito ou improvisado; a concepção cênica do texto, ou **encenação**; a **interpretação**, que é a criação na sua forma física; a concepção visual e espacial do espetáculo, ou **cenografia** e o **público**, sem o qual o ato criador não teria nenhum sentido. (módulo 08, 2009, p.11)



5.5.4. Sobre a avaliação

A maior parte dos arte-educadores do BIA (80%) considera que os estudantes gostam de suas aulas e obtêm boas notas, sendo que os critérios de avaliação levam em consideração diversos aspectos como: participação (30,30%); processo pedagógico (15,15%); dedicação (12,12%); observação (9,09%); colaboração grupal (9,09%); assiduidade (9,09%); trabalhos práticos (6,06%); desenvolvimento (6,06%) e auto-avaliação (3,03%). Ricardo Japiassu nos aponta um caminho eficiente para a avaliação, feita através da elaboração de protocolos de sessão, que reunidos posteriormente formam um portfólio da turma, além das auto-avaliações que acontecem no decorrer de todo o processo pedagógico.

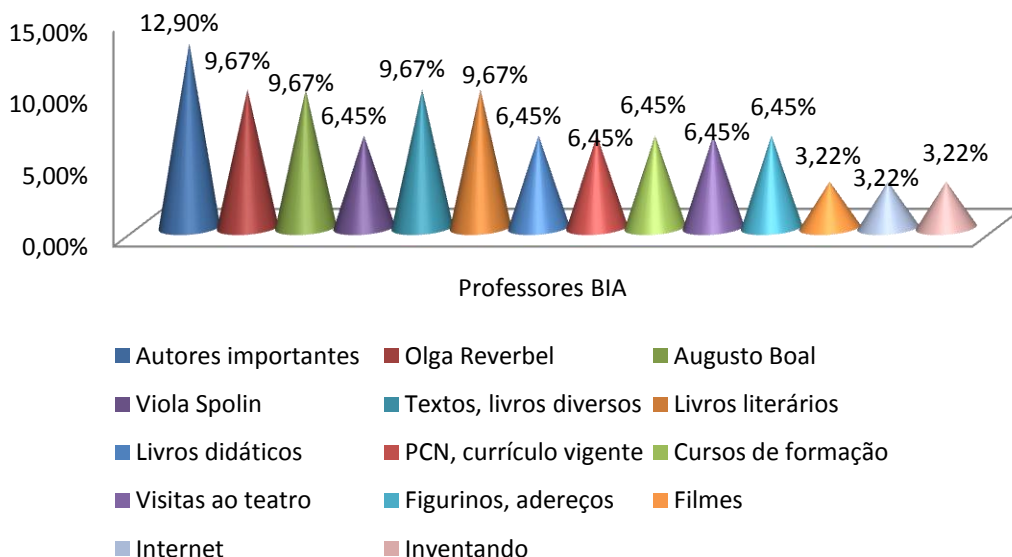
5.6. A visão dos arte-educadores acerca do material didático

Verificou-se, nesta pesquisa, que 60% dos arte-educadores consideram que o livro didático ajuda na aplicação de conteúdos em sala de aula e 62,50% afirmam que adotariam livro didático para suas aulas de Teatro. Entre as justificativas para a adoção do livro didático está a possibilidade de gerar metodologia e sequência, direcionar e organizar o conteúdo, trazer fundamentação teórica e conhecimento, estimular a leitura de temas teatrais e reunir prática a teoria.

Os arte-educadores que acreditam que o livro didático não ajuda na aplicação de conteúdos em sala de aulas somam 40% e 37,50% não adotariam um livro didático por acreditarem que não servem para o trabalho prático, justificando que estes limitam o desenvolvimento do processo pedagógico, são chatos e conservadores, ou porque gostam de produzir o material em conjunto com os estudantes. Para a realização de atividades escritas, verificamos que 100% dos arte-educadores rejeitam a possibilidade do uso de livros ou cadernos, preferindo utilizar outros meios.

Embora, a rejeição à adoção de materiais didáticos ainda seja alta, mas não predominante, verificamos que quando trata-se da busca por aprimoramento do ensino de Teatro na escola, a acessibilidade a textos, peças e livros é o item que mais aparece (20,83%), sendo seguido por oferta de cursos gratuitos de aperfeiçoamento para arte-educadores (16,66%) e compreensão acerca da importância do teatro para a formação do aluno, por parte dos órgãos estatais (16,66%), entre outras questões. Outro dado que merece destaque refere-se às fontes originais dos conteúdos promovidos em aulas, que em 80% dos casos provêm de livros, como podemos observar no gráfico 06.

Gráfico 06: Qual é a fonte dos conteúdos promovidos em aula?



5.7. A visão dos estudantes acerca do material didático

Nessa pesquisa, verificou-se que a maioria dos estudantes entrevistados considera que os livros ajudam a entender as matérias (87,67%) e gostariam de utilizá-los nas aulas de Teatro (67,80%). Apenas um pequeno percentual de estudantes considera que os livros não

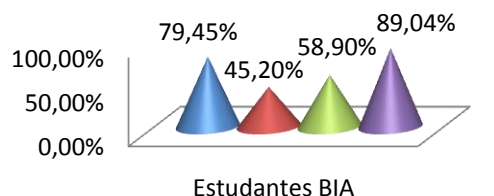
ajudam na compreensão das matérias (3,42%) e preferem não utilizá-los nas aulas de Teatro (22,60%).

Para a realização de atividades escritas, 52,05% dos estudantes preferem utilizar caderno, 30,82% preferem livro, 10,95% preferem caderno e livro, e apenas uma minoria de 6,16% aponta outros recursos para o desempenho destas atividades.

Entre os estudantes, 11,11% revelam satisfação total com as aulas de teatro, 9,49% manifestam o desejo de fazer mais teatro e mais peças, 7,18% sugerem mais/novas brincadeiras, 5,88% sugerem a utilização de livros e leitura, 5,88% acreditam que o comportamento dos estudantes deve melhorar e 5,22% sugere o treino e ensaios com bonecos e sombras, como possibilidade de melhora das aulas, entre outras sugestões.

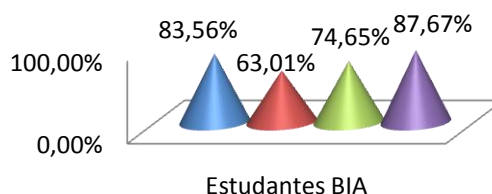
Verifica-se também que os estudantes do BIA mantêm contato com impressos (considerando a leitura de textos e/ou imagens) tanto dentro, quanto fora das escolas, sendo que 66,43% destes ouvem histórias, lidas por alguém da família. Curiosamente, observa-se que fora da escola o percentual de leitura de livros é reduzido minimamente, mas em compensação o percentual de leitura de revistinhas, álbuns de figurinhas e almanaques aumenta consideravelmente, como podemos verificar nos gráficos 07 e 08:

Gráfico 07: Você costuma ler/ver na escola:



■ Revistinhas ■ Álbuns de figurinhas
■ Almanagues ■ Livros

Gráfico 08: Você costuma ler/ver fora da escola:



■ Revistinhas ■ Álbuns de figurinhas
■ Almanagues ■ Livros

5.8. O material didático e a experiência estética

O ensino progressivo de teatro aponta para um caminho de superação das metodologias extremistas, tradicionalistas, “espontaneistas” ou utilitaristas, em prol da experiência estética, que tem em sua composição tanto o prático quanto o intelectual:

Os inimigos do estético não são o prático nem o intelectual. São a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual. Abstinência rigorosa, submissão coagida e estreiteza, por um lado, desperdício, incoerência e complacência displicente, por outro, são desvios em direções opostas da unidade de uma experiência. (Dewey, 2010, p.117)

Sabe-se que o conjunto de informações isoladas, como costuma ser estudado na educação tradicionalista, é incipiente e não chega a constituir experiências reais que promovam o verdadeiro sentido da educação teatral. De acordo com Dewey, quando buscase essas informações não as encontramos, embora estejam em algum lugar e isso ocorre por que elas estão dentro de um recipiente hermético, isolado. As janelas da memória, que acessam essas informações ficam fechadas e não vemos através delas.

Propõe-se que o leitor, imagine a seguinte situação: uma pessoa está preparando um prato e a receita pede uma determinada especiaria. Então, lembra-se que possui aquele ingrediente, embora nunca o tenha utilizado e vai até a dispensa buscá-lo. A pessoa procura o ingrediente e não consegue encontrá-lo, pois a dispensa está cheia de inúmeros produtos alimentícios, embalagens e potes diversificados. Algumas áreas da dispensa estão organizadas, são exatamente aquelas que ela usa no seu dia a dia, outras áreas, nem tanto. Quando encontra o ingrediente, depara-se com uma surpresa: ele está em um pote fechado. A pessoa tenta abri-lo e não consegue, recorre a inúmeras técnicas, mas não consegue abrir. O pote está lacrado!

Esse exemplo mostra que o simples fato de ter um produto armazenado não significa que conseguirá utilizá-lo. O mesmo ocorre com o conhecimento quando é recebido por transferência, sem constituir uma experiência.

Porém, quando ocorre uma experiência, a pessoa tem um conteúdo organizado, com início, meio e fim. Então é possível compreender o que é aquele algo e consegue-se ver através dele, identificá-lo. A partir daí o conhecimento gerado fica inteligível e é possível para a pessoa dissecá-lo, descrever suas etapas, porque passa a ter, de fato, conhecimento sobre o assunto.

O material didático pautado na filosofia da educação progressiva, que é essencialmente experiencialista, une educação e experiência, traz a organização e sistematização de conteúdos, sem que isso represente o fim da criatividade, inventividade, liberdade e espontaneidade. A educação através da experiência é libertária, mas não anárquica, possui uma organização intrínseca, que conduz a um resultado final, a um propósito, mas também é nutrida pelo desejo, que atua como uma mola propulsora da ação.

O subjetivo, a vida interior, a vida emocional, deve navegar, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como forma de conhecimento mas como um "grito da alma" não estamos fazendo nem educação cognitiva nem educação emocional.
(BARBOSA, 2007, p.41)

A implementação de livros didáticos pode gerar uma programação e organização dos conteúdos, estabelecendo uma sequência lógica, que auxilie no desenvolvimento das aulas, sem sacrificar a espontaneidade, contribuindo para a experiência estética. Pois: o fato de educação tradicional ser uma questão de rotina na qual os planos e programas são herdados do passado, não significa que a educação progressiva seja uma questão de improvisação sem planos. (Dewey, 2011:29)

Para que essa nova educação ocorra, o arte-educador deve deixar a posição de detentor exclusivo do conhecimento e o estudante deixar o papel tradicionalista de aluno, sem luz, para se tornar mais autônomo. O estudante deve participar diretamente na escolha de propósitos, criando uma relação experiencialista com o conhecimento, com as informações e atividades mediadas através de materiais didáticos, podendo ter acesso a conteúdos, rever ou avançar seus estudos.

É importante frisar que a presença ou ausência do livro didático não vai garantir o sucesso ou fracasso do ensino de teatro. Para que uma experiência ocorra com êxito, é necessário conjugar vários fatores, cabendo ao arte-educador a tarefa de compreender o universo do estudante, propor atividades e gerar o ambiente propício ao êxito do ensino através da experiência estética teatral.

O propósito crucial da educação consiste em adiar a ação imediata para a satisfação de um desejo até que a observação e o julgamento possam nela intervir. [...] A função do arte-educador é identificar as oportunidades e tirar vantagens delas. Considerando-se que a liberdade reside nas operações inteligentes de observação e no julgamento adequado para o desenvolvimento de um propósito, a orientação dada pelo arte-educador para o exercício da inteligência de seus alunos, é um incentivo à liberdade, e não uma restrição. (Dewey, 2011,70-73)

5.9. Reflexões sobre os materiais didáticos para o ensino de Teatro

A partir desta pesquisa, compreende-se que a escassez de materiais didáticos formais destinados ao ensino de Teatro, com que se depara hoje, é apenas um reflexo do processo de instituição do ensino deste, que ainda é recente, possuindo resquícios das ideias “espontaneístas”, disseminadas na década de 70. No entanto, percebe-se também a consolidação do movimento de superação do “espontaneísmo” avesso ao método e da visão “separativista” enraizada nele, que distancia a teoria da prática e propaga o pensamento de incompatibilidade entre o livro didático e a prática do ensino de teatro.

Hoje, a aceitação do livro-didático entre os arte-educadores é maior que a rejeição, embora esta última represente 40% do universo pesquisado. Causa surpresa a predominância da aceitação de livros didáticos como mediadores de conhecimento e o alto índice de contato com cadernos, revistas, almanaques, álbuns de figurinhas, além do alto

índice de fruição de peças teatrais, filmes e desenhos, dentro e fora do contexto escolar, o que revela a condição cada vez mais multimídia dos estudantes, resultado da disseminação de novas e avançadas tecnologias em nossa cultura. De acordo com esse estudo, observou-se que hoje não só há um mercado produtivo aberto para a implementação de materiais didáticos e paradidáticos, mas também há um mercado consumidor que necessita destes materiais para auxiliar o arte-educador no processo pedagógico e para atualizar/acompanhar as requisições da sociedade atual, regida pela indústria cultural.

Mas, como elaborar um material didático para iniciação teatral do BIA, que apresente o conhecimento teórico e prático, sistematizado de forma lúdica e publicável e que desperte o interesse de arte-educadores e de estudantes?

Para encontrar essa resposta, foram levadas em consideração as questões expostas nesta pesquisa relacionadas a metodologias de ensino, visão do corpo docente e discente sobre a prática de sala de aula do BIA e sobre o livro didático. Ao revelar suas visões sobre o livro didático de teatro, os 14 arte-educadores e 146 estudantes, que compõem o universo desta pesquisa, provêm-nos com uma verdadeira tempestade de ideias, orientando a elaboração de um livro didático teórico-prático riquíssimo, que atenderá aos requisitos legais e reais, técnicos e poéticos, harmonizando forma e conteúdo. Vide os gráficos 09 e 10:

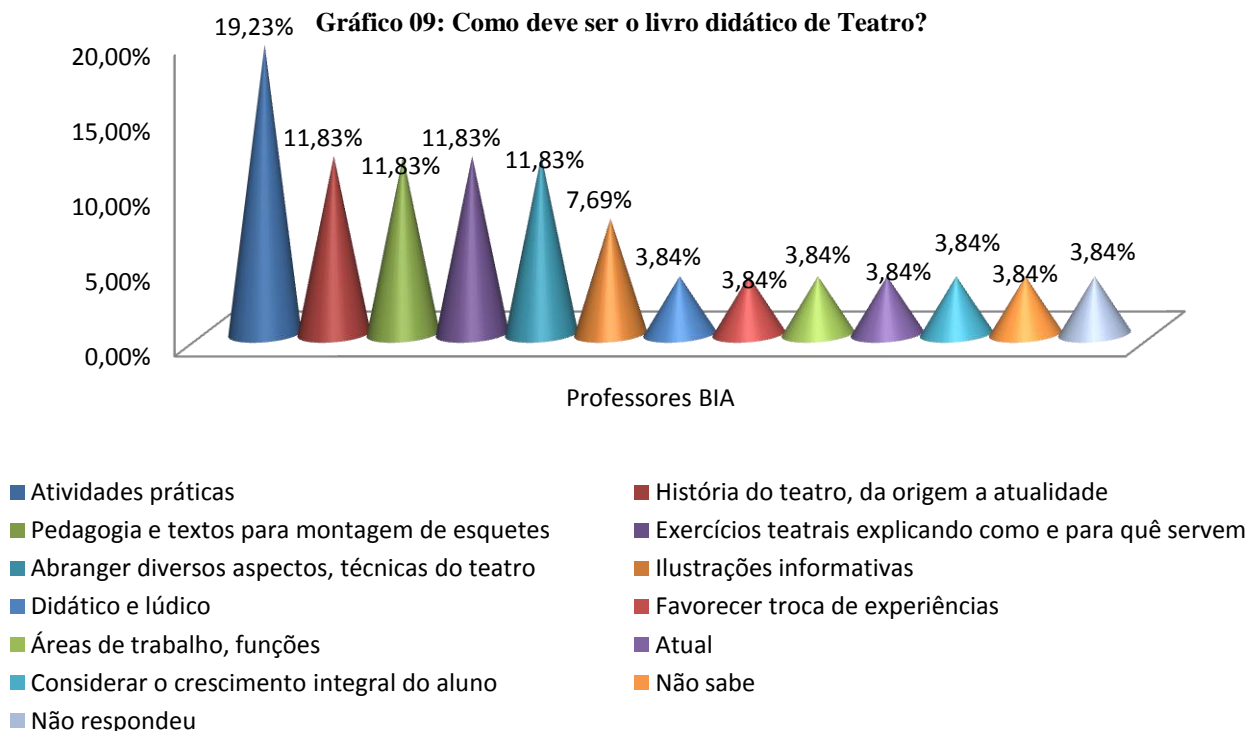


Gráfico 10: Como deve ser o livro didático de Teatro?



Nesta análise foram encontradas semelhanças e diferenças no discurso dos arte-educadores e dos estudantes, o que não significa que estes sejam conflitantes. Não está sendo enfatizado aqui o certo ou o errado, mas busca-se compreender os anseios, interesses, expectativas e perspectivas destes, no que se refere ao ensino de teatro e ao material didático, com o intuito de promover reflexões e soluções.

Para que conteúdo e forma caminhem juntos em prol do êxito dos materiais didáticos e paradidáticos, sugere-se que arte-educadores e designers trabalhem juntos, buscando complementaridade enquanto mediadores de conhecimento e propositores de experiências estéticas educativas. Uma infinidade de aspectos deve ser levada em consideração na criação do design de materiais educativos como matéria prima, ilustrações, tamanho e fonte das letras, dimensão do impresso, espessura, equilíbrio visual, harmonia entre as cores, manipulação, conservação, interatividade, temática, personagens, espaço para criação, entre outros.

Num material educativo todas essas questões relacionadas ao repertório e experiências do leitor devem ser consideradas, tanto pelo educador que está concebendo o material, quanto pelo designer que faz com que se materializem as idéias do educador. (ORLOSKI, 2008, p.11)

Sugere-se ainda, que na elaboração de materiais didáticos formais sejam considerados um conjunto de fatores, como: o ambiente em que estão inseridos os atores do processo pedagógico; relações sociais dentro e fora da comunidade escolar; avaliação das metodologias e conteúdos pertinentes à disciplina; promoção da união entre teoria e prática; articulação entre o fazer teatral, apreciação e reflexão estética; promoção de uma educação estética, ética, ecológica e econômica; promoção de valores importantes para a formação do indivíduo.

Outras questões a serem consideradas são: o grau de complexidade das palavras, possibilitando o enriquecimento gradual do vocabulário dos estudantes; apresentação de estórias, esquetes e peças, reservando ainda espaço para a improvisação e criação de textos; promoção do conhecimento das profissões e técnicas teatrais de teatro e das artes cênicas (dramaturgia, encenação, direção, sonoplastia, cenografia, indumentária, maquiagem e iluminação), o estudo do passado, a valorização do presente, com a consciência do futuro. Além, da avaliação de todas as questões apresentadas nesta análise, é extremamente importante lembrar, no processo de elaboração de materiais didáticos, que os estudantes a que nos referimos são crianças e antes de tudo, devem ser felizes!

Considerações finais

Esta monografia de conclusão de curso tem como objetivo fazer uma investigação acerca da ausência de materiais didáticos formais no ensino de Teatro. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa realizada por meio de questionários e entrevistas com arte-educadores e estudantes do Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, em Escolas Parques de Brasília. Pretende-se, promover reflexões acerca do papel do material didático no ensino de Teatro, dialogando com pensadores importantes como John Dewey, Ana Mae Barbosa, Arão Paranaguá de Santana, Ricardo Japiassu, Tânia Dauster e Christiane Orloski, em busca de uma compreensão sobre a utilização destes recursos, na perspectiva dos arte-educadores e estudantes na prática da sala de aula.

Nesta pesquisa, busca-se compreender os percursos institucionais, legais e mercadológicos, assim como os caminhos metodológicos que conduziram para direções opostas à implementação de materiais didáticos formais no ensino de Teatro. Deste modo, os arte-educadores podem posicionar-se conscientemente em busca de êxito em seu ofício, ao invés de perpetuar ideias equivocadas ou generalistas sobre este assunto. Espera-se que este trabalho contribua de algum modo para os arte-educadores que buscam soluções para a escassez de materiais didáticos e empreendem a melhora do ensino de Teatro. Esta proposta é um estímulo à criação e publicação de materiais didáticos e paradidáticos no mercado editorial, que auxiliem o arte-educador em sua prática pedagógica e na difusão de informações/ conhecimentos de teatro.

Essa pesquisa, uma semente plantada em terra fértil, foi alimentada pelo desejo, regada pela tempestade de ideias de 15 arte-educadores e 146 estudantes, iluminada pelo referencial teórico e, com certeza, germinará e gerará os frutos do conhecimento: materiais didáticos maravilhosos, que preencherão esta lacuna no ensino de Teatro e conquistará um público que tem sede de conhecimento e arte!

Referências

▪ Livros

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DEWEY, Jonh. **A Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Experiência e Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ECO, Humberto. **Como se Faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.

REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola**. São Paulo: Scipione, 2003.

SELBACH, Simone (supervisão geral). **Arte e Didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. Tradução de Eduardo Amos e Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Jogos Teatrais na sala de aula: Um Manual para o Arte-educador**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

▪ Teses

ORLOSKI, Cristiane de Souza Coutinho. "Educação, visualidade e informação em materiais gráficos educativos". São Paulo: UNESP, 2008.

▪ Periódicos

DAUSTER, Tânia. "Fabricação de Livros Infanto-Juvenis e os Usos Escolares."

In: Revista Educação/PUC-RIO. Nº 49, 1999.

DUARTE, Rosália. "Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo."

In: Cadernos de Pesquisa/PUC-RIO, nº 115, 2002.

SANTANA, Arão Paranaguá. "Os saberes escolares, a experiência estética e a questão da Formação docente em artes". In: Lamparina, Revista de Ensino de Teatro/UFMG-MG, nº1, 2010.

_____. "Trajetória, avanços e desafios do teatro-educação no Brasil."

In: Revista Sala Preta/USP-SP, nº 2, 2002.

- **Artigos**

CHARÃO, Cristina. COSTA, Henrique. “A economia do livro: tiragens aumentam, mas há gargalos importantes”. In: Revista Desafios do Desenvolvimento/IPEA, nº76, 2013.

- **Leis**

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº9394/96, 1996.

_____. Diretrizes Nacionais da Educação. Resolução CNE/CEB nº5, 2012.

_____. Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal, 2009/2013.

- **Sites**

www.se.df.gov.br (acesso em 02 de julho de 2013)

www.grebppc.blogspot.com.br (acesso em 02 de julho de 2013)

www.bdb.org (acesso em 15 de agosto de 2013)

www.bndigital.bn.br (acesso em 15 de agosto de 2013)

www.isbn.org (acesso em 15 de agosto de 2013)

www.educaçãoonline.pro.br (acesso em 22 de setembro de 2013)

www.scielo.br (acesso em 22 de setembro de 2013)

www.blogacesso.com.br (acesso em 25 de setembro de 2013)

www.ipea.gov.br (acesso em 25 de setembro de 2013)

www.eba.ufmg.br (acesso em 02 de outubro de 2013)

www.revistausp.br (acesso em 02 de outubro de 2013)